

# A conspiração como pilar político das novas direitas: reflexões sobre o *bolsolavismo*

*Beatriz Castro Miranda*

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto - Minas Gerais - Brasil  
beatrizcastromda@gmail.com

---

**Resumo:** A presença de teorias da conspiração no pensamento de Olavo de Carvalho, considerado o guru das novas direitas brasileiras, é motivo de curiosidade e de escárnio. A mobilização de irracionalidades e a produção de inimigos poderosos e invisíveis permeia o pensamento do autointitulado filósofo, o ancestral direto do bolsonarismo. Carvalho tem influência clara no governo de Jair Bolsonaro, indicando ministros e tendo alunos de seus cursos online em cargos expressivos no Legislativo e no Executivo. Por isso, a intenção deste artigo é analisar e refletir sobre alguns dos principais expoentes do pensamento *bolsolavista*, a saber: o marxismo cultural e o globalismo. Essas ideias permeiam o governo federal, tanto em declarações do presidente e de parlamentares de sua base aliada, quanto na construção de projetos políticos e no repasse de verbas públicas para determinadas áreas. Além disso, no cenário da pandemia de covid-19, a conspiração também tem influência clara, principalmente na ideia de tratamento precoce e na movimentação antivacina, ambos estimulados pelo presidente. Espera-se que este texto contribua com o fornecimento de hipóteses para que o atual cenário de crise política e sanitária sejam melhor analisados.

**Palavras-chave:** Conspiração. Olavo de Carvalho. Jair Bolsonaro. Marxismo Cultural. Globalismo. Pandemia.

---

## Introdução

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona diversas teorias conspiratórias, como a ideia de que o coronavírus teria sido fabricado em laboratório, e ajudou a alimentar outras tantas narrativas envolvendo uma nova ordem mundial, guerras biológicas, ameaça comunista via domínio chinês, enfim, os exemplos são extensivos e é possível passar dias adentrando em cada uma dessas ideias que têm como pilar a conspiração. Porém, a intenção deste artigo está para além de analisar esse cenário pandêmico e pretender analisar discursos que estão enraizando-se na sociedade brasileira desde 2013, corporificados nas novas direitas – as *alt-rights*<sup>1</sup> – e que chegou efetivamente ao poder Executivo com Jair Bolsonaro, em 2018. A tese aqui defendida é que o bolsonarismo é baseado na conspiração como princípio de discurso e,

---

<sup>1</sup> *Alt-right* é a abreviação de "*alternative right*" ou, no português, "direita alternativa". Trata-se de movimentos de extrema-direita surgidos nos Estados Unidos que abrangem pautas como a supremacia branca, o antissemitismo e o combate à imigração. No Brasil, esses movimentos têm Olavo de Carvalho como nome de peso.

consequentemente, de agir político e que sua paternidade está localizada nos trabalhos de Olavo de Carvalho, pensador de extrema-direita que tem influência direta no governo, indicando ministros e sendo inspiração intelectual de parlamentares e assessores que compõem o governo.

Para iniciar a discussão, faz-se necessário contextualizar a emergência do bolsonarismo, o núcleo duro e mais atuante da extrema-direita brasileira, e como a sua chegada ao poder representa a maior crise da Nova República. Fato é que a democracia brasileira se comporta num movimento pendular, como apontado por Leonardo Avritzer (2018), em que há períodos de retração e períodos de expansão democrática – como entre os anos de 1945-1964 e 1994-2014. Porém, o cenário de retração democrática vivenciado desde 2014 tem peculiaridades que o distingue de outros contextos, como no caso do pré-golpe militar de 1964, dentre eles destaca-se: a crise da representação democrático-liberal que emergiu nos movimentos de 2013; o questionamento das eleições presidenciais de 2014, na figura de Aécio Neves (PSDB); a Operação Lava-Jato; o impeachment de Dilma Rousseff (PT); a popularização da internet via redes sociais e outras plataformas, como *WhatsApp*, e a utilização desses meios como ambiente de disputa política e, por fim, a pandemia de covid-19 que assola o Brasil desde o começo de 2020.

As Jornadas de Junho, ocorridas em 2013, foram movimentos de rua que se iniciaram lutando por uma melhoria dos serviços públicos, como transporte, educação, saúde e segurança, o que Renato Janine Ribeiro (2017) denomina de quarta agenda democrática. Porém, ao longo de seu desenvolvimento, as jornadas foram apropriadas por grupos conservadores e reacionários da direita brasileira, expondo uma desavergonhada movimentação fascista via pedidos por intervenção militar e pela saída da então presidenta Dilma Rousseff (PT). Junho ainda é um tanto controverso, e diversos trabalhos tentam compreender melhor o que foi esse evento, mas não se pretende aqui explicá-lo, mas demarcar junho como “a inauguração de uma era política que expõe os problemas de organização que a esquerda enfrenta” (FERNANDES, 2019, p.22), uma crise de práxis que permitiu que bandeiras reacionárias e moralistas cooptassem a insatisfação coletiva daquele momento.

A cooptação da indignação popular por grupos de extrema-direita ofereceu solo fértil para o questionamento dos resultados eleitorais de 2014, personificado na figura do senador Aécio Neves (PSDB), dando início efetivo à segunda retração do pêndulo democrático e emergindo fantasmas, como a não aceitação dos resultados eleitorais e da definição não eleitoral da *policy* (AVRITZER, 2018, p.283), em decorrência do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT). O processo de impedimento de Dilma, baseado em alegações frágeis,

transformou a agenda política do governo na medida em que Michel Temer (MDB), ao assumir a presidência, propôs agenda própria, diferente do programa eleito, atendendo às demandas do neoliberalismo e do conservadorismo, por meio do desmonte dos direitos trabalhistas e do enfraquecimento de pautas de direitos sociais ligados à diversidade – cultural, sexual. Esses foram os primeiros passos no adentrar de um cenário de intolerância, em que artistas, políticos e intelectuais foram perseguidos e se tornaram alvos de discursos de ódio, tudo isso em defesa de uma suposta, e fantasiosa, “família tradicional” e da moral judaico-cristã.

Paralelo a esses processos, a Operação Lava Jato, que investiga um esquema de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras, iniciava as suas atividades em março de 2014, durando cerca de sete anos até o seu encerramento no começo de 2021, quando passou a integrar o Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco). Ao todo, a operação apresentou 130 denúncias contra 533 acusados, sendo que destes 174 foram condenados. A Lava Jato parece ter bebido do mesmo cálice do caso Mensalão (2005) no quesito espetacularização midiática, mas com malícia, tendo em vista principalmente as últimas movimentações da Justiça, que reconheceu a parcialidade e, posteriormente, a suspeição do ex-juiz Sérgio Moro após o vazamento de conversas com procuradores da força-tarefa da Lava Jato, em que há uma evidente mobilização para a condenação de Lula a fim de inviabilizar a sua candidatura nas eleições de 2018. A operação contou com o apoio da grande mídia “em uma aliança com setores do Ministério Público e do Judiciário para promover uma campanha de criminalização da política cujo objetivo primeiro parece ter sido remover o PT da presidência” (FERES e GAGLIARDI, 2019, p. 105). Nessa atmosfera de frenesi antipolítico, todo o sistema político foi comprometido, e Jair Bolsonaro soube se posicionar, colocando-se como *outsider*, “diferente de tudo que está aí”, respondendo à demanda popular contra a corrupção e a “velha política”, que se estendia desde 2013.

Tal cenário de crise política foi amplificado nas plataformas digitais, que tiveram influência direta na mobilização dos movimentos de 2013 e que, desde então, têm estado cada vez mais presentes na articulação política: sem as redes sociais, Bolsonaro muito provavelmente não teria vencido as eleições de 2018. O crescente uso dos *smartphones*<sup>2</sup> possibilitou uma maior presença dos indivíduos nos espaços digitais, que proporcionam horizontalidade em uma sociedade altamente verticalizada, e promovem a sensação de

---

<sup>2</sup> “Abriram-se as portas para o *smartphone*. O acesso a esse tipo de tecnologia aumentou no Brasil. Segundo pesquisa realizada em 2018 pela FGV, naquele ano o país já superava a marca de 220 milhões de celulares ativos dessa categoria. Os brasileiros acessam a internet via *smartphone* em média trinta vezes por dia, e a maioria absoluta utiliza o celular para dialogar e acompanhar grupos de discussão (segundo dados do Facebook, que é dono do WhatsApp)” (MOURA e CORBELLINI, 2019, p. 112).

proximidade entre os sujeitos. Livre de mediações da grande mídia, a arquitetura das redes permitiu um florescimento do debate político, com ampliação na participação de sujeitos outrora excluídos. Dentre esses sujeitos interessa aqui destacar os movimentos da direita liberal jovem, como o Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua, e a extrema-direita, na figura de Jair Bolsonaro, que souberam ocupar as redes de forma notória, disseminando as suas ideias e mobilizando seguidores em potenciais eleitores. Para exemplificação: um estudo do IDEA Big Data sobre as eleições de 2018 mostrou que os conteúdos pró-Bolsonaro, na última semana do primeiro turno, chegaram a cerca de 40 mil grupos por dia no *WhatsApp*, alcançando aproximadamente 28 milhões de indivíduos (CORBELLINI e MOURA, 2019, p. 118). Bolsonaro conseguiu construir, ao longo dos anos, uma base ampla de seguidores nas redes sociais e utilizou desse arcabouço para preencher as lacunas em relação ao pouco tempo de televisão que lhe restava na propaganda eleitoral gratuita.

O impacto inquestionável do ciberespaço na discussão e na atuação política hoje promoveu a ampliação de campos de estudos que se dedicam a compreender e analisar a estrutura das redes e a sua influência na sociedade. Assim, já é compartilhada a noção de não-neutralidade de sua arquitetura, que é fruto de modelos de negócios baseados na previsão e na indução de comportamentos de usuários por meio da extração de dados. Não se tratam de simples espaços de debate público, mas de espaços governados pela racionalidade do capitalismo de vigilância – que afirma a experiência humana como material a ser traduzido em dados comportamentais – como discutido por Shoshana Zuboff (2019). As subjetividades, vistas como moeda no capitalismo de dados, alimenta e é alimentada pela dinâmica das plataformas digitais num modelo de retroalimentação e que promove, por meio de algoritmos, cliques em conteúdos cada vez mais radicais, levando os passos do usuário a caminhos extremistas. Nesse sentido, Manoel Horta Ribeiro (2019), ao estudar como o *Youtube* revela-se terreno fértil à proliferação de grupos ligados à *alt-right* estadunidense, demonstrou que os canais supremacistas brancos são beneficiados pela migração de apreciadores de canais conservadores de conteúdo menos radical.

Essas discussões são de suma importância para se analisar como se deram, nas redes sociais, os debates acerca da pandemia de covid-19. A necessidade do isolamento social, fazendo com que a maior parte dos sujeitos fique em casa ou evite aglomerações, rendeu uma presença ainda mais forte no ciberespaço, principalmente em plataformas de chamadas de vídeo em detrimento de espaços físicos. Assim, a sociabilidade digital cresceu e a busca por informações também, afinal, desde 2019 um vírus assolou o mundo e ceifou a vida de milhares de pessoas. Como o coronavírus surgiu? Como se proteger? Quais medidas adotar para evitar a infecção?

Essas são perguntas que orientam sujeitos de todo o globo na busca por informações que ajudem a conter a pandemia e a minimizar seus danos. Responder a essas dúvidas é uma responsabilidade enorme e cientistas estão, desde o primeiro caso confirmado de contaminação, tentando respondê-las da melhor forma. Por outro lado, grupos políticos que caminham na contramão da ciência também buscam respondê-las, e conseguem, mas de forma perigosa, irresponsável e com base em dados inexistentes ou frágeis. A crise de saúde ocasionada pelo coronavírus tem sido campo de disputa de narrativas, que têm influência direta no viver e no morrer, produzindo o número absurdo de cerca de 313.866 mortes<sup>3</sup>.

Como o Brasil chegou até esse cenário catastrófico? Qual a influência de teorias conspiratórias na promoção e no fortalecimento da crise política e sanitária que o país se encontra? Há responsáveis? Essas são as perguntas que guiam este artigo e que, ao longo de seu desenvolvimento, fornecerão caminhos para que hipóteses e possibilidades de respostas sejam construídas. Para isso, um nome não pode passar em branco: Olavo de Carvalho.

### O guru da extrema-direita brasileira

Nascido em Campinas, em 1947, o autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho é um dos nomes mais influentes da nova direita brasileira, mas sua atuação vem desde os anos 70, primeiro como astrólogo e depois como jornalista. Nos anos 90, Carvalho se voltou para o debate político ou “filosófico”, com a publicação da trilogia “A Nova Era e a Revolução Cultural” (1994), “O Jardim das Aflições” (1995) e “O Imbecil Coletivo” (1996), obras que ele define como “obras de combate” nas quais a esquerda é o seu principal alvo. Mas é nos anos 2000 que Olavo conquista com mais força um campo até então sem representante, por meio de seus cursos *online*, vídeos no *YouTube* e publicações de livros, como “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” (2013), que reúne textos escritos pelo autodidata entre 1997 e 2013, publicado pela editora Record. Mesmo sem ter concluído uma graduação em Filosofia, nem o segundo grau, Olavo se intitula filósofo e, em seus cursos, afirma que seu objetivo é justamente esse: formar filósofos.

Compreender a figura de Olavo e o fenômeno olavista é de suma importância para o entendimento do bolsonarismo e das novas direitas brasileiras, ainda que o escritor rejeite o título de “ideólogo da direita”, afirmando que essa descrição é um pejorativo difamatório. Para ele, aqueles que assim o definem são uma fusão de “analfabetismo funcional, malícia e medo

---

<sup>3</sup> Dados extraídos do site do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), em 30 de março de 2021. Acesso disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>.

caipira do desconhecido”, compondo uma forma mental “fedorenta” dos considerados “formadores de opinião” presentes nas mídias tradicionais. Porém, Olavo considera que foi ele que fez com que a direita voltasse a disputar o campo político e da cultura, já que nos anos 80 “só havia esquerda”. Todas essas opiniões e definições foram ditas pelo próprio Olavo, em vídeo publicado em 29 de dezembro de 2020 em seu canal no *YouTube*, que conta com mais de 1 milhão de inscritos (CARVALHO, 20 dez. 2020). Apesar de não gostar de ser considerado “ideólogo da direita”, Olavo continua: afirma que ele mudou o curso da história do Brasil e que abriu espaços para outras ideias, derrubando uma suposta hegemonia comunista. Seu “plano secreto” anticomunista teria como mote a publicação de livros, pois artigos de jornal passam e o livro fica. E ele segue, diz que o livro deve ser de altíssima qualidade, nada mediano: uma espécie de autorreferenciação, já que, na sequência, questiona os espectadores: “Por que você acha que os caras têm medo de mim e ficam falando de mim pelas costas? Porque não tem cara para enfrentar o livro”.

O vídeo supracitado apresenta ideias que ajudam a balizar o pensamento olavista e será citado novamente ao longo deste texto, mas cabe agora apresentar os expoentes do discurso de Olavo para, em seguida, adentrar na sua influência no pensamento da nova direita e no bolsonarismo. Para isso, utilizar-se-á como referências principais o trabalho de João Cezar de Castro Rocha, “Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político” (2021), e vídeos do canal de *YouTube* Meteoro Brasil, elaborado pelos jornalistas Álvaro Borba e Ana Flávia Lesnovski. Para título de curiosidade: em 2019 a dupla lançou o livro “Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota”, abordando teorias da conspiração que se tornaram frequentes do debate público brasileiro nos últimos anos.

Rocha analisa o olavismo como um sistema de crenças que tem como base o anti-intelectualismo, é movido por ressentimento e tem impulsos esquizofrênicos. O autor ainda ressalta outras características do efeito Olavo de Carvalho:

A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavras e a dois verbos — bem entendido: ir e tomar. (ROCHA, 2021, s/p.)

Tal sistema de crenças circulou com intensidade após 2013, respondendo a um expressivo sentimento antissistema, como apontado por Arthur Hussne (2020), e ganhando

base popular, evidenciado pelo movimento via *hashtag* #olavotemrazão, frase que, nas manifestações de 2015 contra a presidenta Dilma Rousseff, apareceu em camisas e cartazes. Porém, desde 2002 Olavo vinha ocupando a mídia digital, primeiro pelo *site* “Mídia Sem Máscara”, em 2006 com o *podcast* “*True Outspeak*” e em 2009 com seu famoso curso online de filosofia, frequentado por nomes bastante conhecidos na nova direita e que, inclusive, estão ou estiveram em cargos do governo: Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro e deputado federal por São Paulo; Filipe Martins, assessor da Presidência para Assuntos Internacionais; Abraham Weintraub, ex-ministro da Educação; Adolfo Sachsida, secretário de Política Econômica do Ministério da Economia; além dos deputados Marcel van Hattem (Novo/RS), Bia Kicis (PSL/DF), Paulo Martins (PSC/PR). O curso de Olavo, além de sugerir leituras e promover análises políticas, pretende mostrar uma forma de vida, “educando a mente e a alma”: “os alunos adotam práticas de vida que estão além da mera formação intelectual, passando a entender seu encontro com Olavo como um momento sagrado de renascimento” (Hussne, 2020, s/p.).

Porém, a aliança de Carvalho com o governo Bolsonaro sofreu, nos últimos meses, alguns desgastes, como exposto por ele mesmo em um vídeo publicado no 7 de junho de 2020 e que conta hoje com mais de 550 mil visualizações (CARVALHO, 7 de jun. de 2020). No vídeo, Olavo afirmou que Bolsonaro não fez nada defendê-lo do que ele chama de “milícia digital”, além de afirmar que o presidente não é seu amigo (FERRAZ, 07 de jun. de 2020). O empresário Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan e conhecido aliado de Jair Bolsonaro, também foi alvo de críticas do filósofo, chamado de “Zé Carioca” e palhaço. O descontentamento de Olavo com Bolsonaro e seus aliados está atrelado a uma série de ações judiciais ligadas a declarações e acusações direcionadas a terceiros, sem apresentação de provas, e que resultaram em multas e indenizações, como no caso de Caetano Veloso, que deverá receber do filósofo cerca de R\$ 2,9 milhões após ser acusado de pedofilia por Olavo em suas redes sociais (PODER360, 11 de mai. de 2021), em 2017. Segundo o Estadão (BORGES, PORTO, 07 de jun. de 2020), Hang pediu a um grupo de empresários no *WhatsApp* apoio financeiro para o ex-astrólogo, que estava sem dinheiro e precisando de suporte para continuar “lutando pelo Brasil”. Apesar do apelo do empresário ter sido contestado por alguns colegas, o Poder360 (PODER360, 07 de jun. de 2020) afirma que Hang conseguiu angariar cerca de R\$ 2,8 milhões, com o aval de Bolsonaro.

Além das ações judiciais, Olavo também foi alvo do movimento *Sleeping Giants*, que pressiona empresas a retirarem anúncios de páginas com conteúdos classificados como desinformação e discurso de ódio. A mobilização do casal paranaense de 22 anos, que está por

trás do movimento, já fez com que 250 companhias retirassem anúncios e desassociassem as suas marcas das produções de Olavo, resultando em perdas significativas, incluindo cerca de 30% dos alunos que pagavam pelos seus cursos em uma plataforma de pagamento online que baniu o filósofo de sua plataforma (VALFRÉ, 09 de nov. de 2020). O *Sleeping Giants* ainda pressionou um fundo canadense que detém as ações do PagSeguro, uma plataforma de pagamentos pertencente ao grupo UOL, buscando a suspensão da venda de cursos de Olavo na plataforma, mas não obteve sucesso (COUTO, 09 de out. de 2020). O movimento deixou mais transparente como o financiamento via anúncios ocorre e como a sua retirada afeta a produção de conteúdos online. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por Carvalho, o filósofo seguiu ativo nas plataformas digitais e, após a publicação do vídeo em que ataca Bolsonaro, afirmou em uma rede social: “Ainda estou do lado do Bolsonaro. Lutarei por ele com todas as minhas armas. Mas ele que não espere mais de mim palavras doces que só podem ajudá-lo a errar” (CARVALHO, 07 de jun. de 2020).

O êxito de Olavo nas redes sociais é analisado por Rocha (2021) como excepcional, articulando alguns expoentes, como o estilo palavra-puxa-palavrão, excesso de citações jamais aprofundadas, substituição de mediações conceituais por frases de efeito, recurso de ideias-muleta que dispensam reflexão (“globalismo”, gramscianismo, extrema imprensa). Esse último ponto é o foco de interesse aqui: ideias-muleta no formato de teorias da conspiração. Pode-se dividi-lo em dois elementos principais, o marxismo cultural e o “globalismo”, ambos importados dos EUA, como será analisado a seguir.

### **Gramsci, marxismo cultural e outras conspirações**

Antônio Gramsci, filósofo italiano marxista, faleceu em 1937, mas assombra o sono de Olavo de Carvalho no século XXI. Na perspectiva olavista, o “gramscismo” rege as esquerdas, sendo sua principal teoria estratégica, que pauta transformações culturais para depois adentrar nos campos da política e da economia: para que o Estado seja aparelhado pelos comunistas, deve-se trabalhar em busca da hegemonia cultural, que tem como suas lideranças intelectuais presente em diversos campos, como nas universidades. No vídeo já citado de 2020, Olavo tem como tese que os conservadores devem focar as suas ações em transformar os sindicatos, os clubes, as associações de bairro ao invés de buscarem cargos políticos, pois fazer parte do Estado é irrelevante quando esse já está tomado pelo outro lado – pela esquerda, na visão olavista. Essa noção vem da leitura de Olavo sobre as obras de Gramsci, pautada em um movimento progressivo de construção de hegemonia que seria sutil e imperceptível (Hussne,

2020, s/p.), por isso o foco dos conservadores e direitistas deve ser menos voltado para a política e mais para a cultura, buscando a defesa de valores judaico-cristãos e ocidentais em contraposição ao comunismo. Essas ideias formam o núcleo da teoria de que o marxismo cultural é a grande ameaça que assombra o Brasil, mas quem são os seus agentes?

Em primeiro lugar: o PT. O Partido dos Trabalhadores, fundado nos anos 80, foi o grande nome de oposição às direitas, conseguindo vencer quatro eleições presidenciais. Para Olavo e seus seguidores, a materialização da tentativa de dominação petista está no Foro de São Paulo, criado em 1990 por Lula e Fidel Castro, com o objetivo de reunir partidos e organizações de esquerda para discutir novas formas de ação após a queda do muro de Berlim. Chamado primeiramente de Encontro de partidos e organizações de esquerda da América Latina e do Caribe, o Foro está presente com constância no debate público e as atas dos encontros estão disponíveis na internet, no site da Câmara, coisa que não parece muito adequada ao desenvolvimento de uma “organização secreta”, como aponta Rocha (2021) em crítica às teorias mirabolantes das novas direitas. O ex-chanceler Ernesto Araújo vê o Foro de SP com grande preocupação e a organização é alvo constante de narrativas bolsonaristas, fomentadas pelo próprio presidente, como em *tweet* de 21 de outubro de 2019: “Foro de São Paulo, criado em 1990, tendo à frente o PT, as FARC e partidos de esquerda da América Latina e Caribe, tem como objetivo a tomada de poder em todos os países da região (...)”. Como bem apontam os jornalistas do canal Meteoro, citando Umberto Eco, uma narrativa ficcional necessita de objetos reais para ser compreendida e nada melhor para confirmar uma conspiração comunista do que uma organização que reúne os principais partidos e movimentos de esquerda.

O PT também é o fantoche ideal para ataques *bolsolavistas* nas chamadas “pautas de costumes”, que têm como seus principais expoentes a família e a homossexualidade. Exemplo evidente dessa construção narrativa é a ainda presente acusação do “kit gay”, uma mentira mobilizada por Bolsonaro sobre materiais elaborados no governo Dilma de combate à homofobia e que, segundo os conservadores, seria distribuído nas escolas para ensinar o “homossexualismo” e sexo às crianças. O discurso de Bolsonaro na votação do *impeachment* de Dilma é claro como água nesse ponto: “Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve (...)”. Assim, a ameaça comunista é construída, primeiro com o Foro, depois com o “kit gay”, que ataca as crianças e, em consequência, a estrutura da família tradicional cristã (evidentemente heterossexual e de preferência branca). A mobilização da falácia “ideologia de gênero” já era realizada por Olavo e que encontrou ressonância em Bolsonaro ao trazer para o seu programa a defesa da família e ao criar os demônios “para

mobilizar o medo de seus ‘fiéis’: o ‘kit gay’, a ‘ideologia de gênero’, o ‘gayzismo militante’ e as ‘feministas defensoras do aborto’ (MOURA e CORBELLINE, 2019, p. 82). Dessa forma, o PT aglutinou os medos e ressentimentos da população, tornando-se o inimigo perfeito na tempestade perfeita e promovendo Bolsonaro como liderança conservadora.

Outra teoria conspiratória que tem ressonância no sistema de crenças olavista e no governo Bolsonaro é o “globalismo”. Segundo a teoria, o marxismo cultural é financiado internacionalmente por bilionários, como George Soros, com o objetivo de fragilizar a cultura nacional, enfraquecendo países e cooptando-os para o *establishment* globalista, por meio de órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU). O “globalismo” também mobiliza a “ideologia de gênero” e o “abortismo”, mas acrescenta outras teorias, como o “climatismo”, que afirma que não existe aquecimento global ou crise climática. Novamente o nome do ex-chanceler Ernesto Araújo aparece como exemplo de defesa da teoria conspiratória, dessa vez em discurso para a *Heritage Foundation*, *think tank* conservador de Washington: “(...) com todo o debate que está acontecendo, parece que o mundo está acabando, e esse é o propósito do ‘climatismo’. O propósito do ‘climatismo’ é acabar com o debate político democrático normal”.

### **Conspirações pandêmicas: domínio globalista e tratamento precoce**

Pensar em teorias conspiratórias no *bolsolavismo*<sup>4</sup> e não adentrar nos debates recentes sobre a pandemia de coronavírus é apresentar uma pesquisa com lacunas. Por isso, cabe aqui refletir sobre como a covid-19 forneceu um cenário ideal para que a conspiração tomasse com mais força as narrativas bolsonaristas e olavistas, a começar pela ideia desses grupos de que o vírus pode ter sido inventado em laboratório. Em outubro de 2020, um apoiador questionou Bolsonaro se ele achava que o vírus pode ter sido criado estrategicamente para derrubar a economia de países, pergunta a qual o presidente respondeu de forma afirmativa, alegando que num cenário de guerra os países se preparam, utilizando bombas e guerra bacteriológica, e que o vírus pode ter escapado do laboratório. Em seguida ele concordou com o apoiador a respeito da existência de uma “nova ordem mundial”, compatível com a ideia de “globalismo” explorada anteriormente. Bolsonaro, em janeiro de 2020, repetiu a ideia de que a pandemia pode ter sido fabricada, dessa vez em um almoço com membros do governo e cantores de música sertaneja

---

<sup>4</sup> O termo bolsolavismo diz respeito à integração entre a família Bolsonaro e o ideólogo Olavo de Carvalho. Utilizado por diversos analistas, o conceito não apresenta uma origem clara.

numa churrascaria em Brasília. No seu pronunciamento, o presidente disse que “quis o destino que uma pandemia, que pode ser fabricada, nos atingiu no início do ano passado”.

O questionamento da veracidade da pandemia também foi mobilizado por Olavo de Carvalho, em vídeo intitulado “Histeria não é coragem!” – Sobre o Corona e o Caos gerado”, publicado no dia 22 de março de 2020 e excluído pelo *YouTube* por violar as diretrizes da plataforma. No vídeo, Olavo afirmou que “essa endemia não existe” e que o coronavírus é “a mais vasta manipulação de opinião pública que já aconteceu na história humana”, como noticiado pelo jornal digital Poder360. A narrativa de intencionalidade da pandemia também está presente, novamente, em manifestações de Ernesto Araújo, como ao chamar o coronavírus de “comunavírus” e alegar que a pandemia é parte de um “projeto globalista”. A pandemia, assim como a “ideologia de gênero” e o “climatismo”, é para o ex-chanceler uma ferramenta globalista, mas a pior de todas, pois coloca “indivíduos e sociedades diante do pânico da morte iminente, representa a exponencialização de todos eles”. Tais declarações estão publicadas em seu *blog*; no artigo “Chegou o Comunavírus”, em que analisa o livro do filósofo Slavoj Žižek, “Pandemia COVID-19 e a reinvenção do comunismo” (2020), no qual o esloveno discute a insustentabilidade do atual modelo econômico frente à pandemia.

Chamado de “peste chinesa” ou “vírus chinês” por apoiadores de Bolsonaro e de Olavo, um termo evidentemente xenofóbico, o coronavírus se tornou foco nas pesquisas científicas do último ano a fim de que uma vacina fosse disponibilizada e pudesse conter o avanço da pandemia. Esse cenário de crise sanitária e de mortes causados por um vírus até então desconhecido e sem cura descoberta, promoveu a emergência de duas narrativas de base conspiratória: o tratamento precoce e o movimento antivacina. Conhecido como “kit covid”, o tratamento precoce é uma combinação de medicamentos, como hidroxiquina, ivermectina, azitromicina e vitaminas C e D, dentre outras substâncias. Segundo os seus defensores, a administração dos medicamentos em pacientes infectados pelo coronavírus evita uma piora no quadro da doença e protege o indivíduo do risco de morte. O presidente Jair Bolsonaro e seus aliados são abertamente defensores do coquetel, ainda que diversos estudos clínicos já tenham demonstrado a ineficácia desses medicamentos no combate a covid-19 (BIERNATH, 27 jan. 2021). Além de ineficazes, tais medicamentos quando administrados de forma irresponsável e sem necessidade, oferecem riscos à saúde, como arritmia cardíaca, complicações nos rins e hepatite causada por remédios. Ignorando a ciência, o governo chegou a lançar um aplicativo, que hoje está fora do ar, voltado para profissionais da saúde, o “TrateCOV”, em que era possível reportar sintomas dos pacientes e receber orientações sobre o tratamento precoce.

Paralelamente ao tratamento precoce, há um fortalecimento do movimento antivacina no Brasil, embasado em teorias conspiratórias e narrativas exageradas ligadas a efeitos colaterais da vacinação. Novamente, a figura do presidente Jair Bolsonaro e suas declarações irresponsáveis estimularam a desconfiança de parte da população sobre a vacina, como ao comentar, em dezembro de 2020, que no contrato com a Pfizer/BioNTech a empresa não se responsabilizava sobre os efeitos colaterais e que “se você virar um jacaré, é problema seu. Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”. No mesmo mês, o Datafolha publicou uma pesquisa sobre o percentual de brasileiros dispostos a se vacinar contra o coronavírus: em agosto esse número era de 89%, em dezembro caiu para 73%, enquanto que cresceu de 9% para 22% a parcela de pessoas que declararam que não querem tomar a vacina (DATAFOLHA, 14 dez. 2020). Em relação à CoronaVac, imunizante desenvolvido pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, a disputa política com o governador do estado de São Paulo João Dória (PSDB) direcionou os discursos de descrédito. Bolsonaro chegou a chamar a CoronaVac de “vacina chinesa de João Dória”, disse que o brasileiro não será cobaia de ninguém e afirmou que o imunizante causava morte, anomalia e invalidez (BOLSONARO, 15 de jan. 2021). A obsessão com a China e a paranoia de que a vacina, assim como o vírus e até mesmo a tecnologia 5G são frutos de um projeto de dominação do Partido Comunista Chinês, permeia o imaginário *bolsolavista*, em contato direto com as conspirações de hegemonia comunista e “globalismo”.

### **A conspiração no governo Bolsonaro: projeto e desmonte**

A comicidade em torno das teorias de conspiração e sua irracionalidade induzem à noção de que elas não interferem efetivamente no cotidiano dos cidadãos e nas políticas de governo. Como discutido ao longo do texto essa ideia é de extrema fraqueza, já que tanto Donald Trump quanto Jair Bolsonaro mobilizaram conspirações como base para a elaboração de projetos e para desmonte de tantos outros. Eventos mais recentes, como a invasão ao Capitólio, nos EUA, e as comemorações em torno da ditadura militar brasileira no 31 de março tratam-se de uma manipulação racional da irracionalidade, por meio de paranoias e produção de fantasmas. O caso brasileiro, que é o foco neste artigo, tem como base o ressentimento, compreendendo-o como “o contrário da política porque não se preocupa com a transformação, mas se nutre de sentimentos reativos de vingança imaginária ou adiada, mantida por uma memória que registra apenas as lamentações afetivas e estéreis” (VECCHI, 2020, p. 61). O uso

da ditadura como orientação de presente e de futuro trata-se da construção de um passado que nunca existiu, pautado em uma utopia de um momento de melhora econômica e de segurança pública efetiva. A falsificação da realidade promovida pelo apego ao período ditatorial vem inclusive de como esse regime foi e é justificado, alegando que havia, no Brasil, uma ameaça comunista. Esse passado que ainda não passou, emerge de uma fenda autoritária que não foi devidamente trabalhada, consequência de um pacto de esquecimento via Lei da Anistia (1979), “um pacto entre desiguais (...) tendo em vista a assimetria entre Estado e sociedade que caracterizara a experiência ditatorial” (SILVA, 2020, p. 210).

Em momentos de crise, de retração do pêndulo da democracia, a opção por uma saída autoritária que promove a ordem como meios de atingir uma ilusória paz social é abraçada, principalmente em sociedades que não trabalharam de forma efetiva o combate ao autoritarismo e regimes de exceção em sua história. Isso importa quando se tem em mente que o atual modelo econômico neoliberal é, por si, a produção de crises: é própria da economia neoliberal a temporalidade de crise permanente, promovendo cancelamento de futuros e angústia social (FISHER, 2020). Assim, a crise torna-se regra e os movimentos conspiratórios, embebedados por temporalidades messiânicas e causalidades ocultas, propõem “um rearranjo da economia de visibilidade no neoliberalismo, oferecem clareza e compreensão onde antes só havia opacidade e confusão; esperança, futuro e protagonismo onde antes só havia desalento, ceticismo e impotência” (CESARINO, 2020, s/p.). Bolsonaro conseguiu unir em um projeto político o autoritarismo e a conspiração, mobilizados pela paranoia em busca de respostas e soluções para as crises que são responsabilidade de um inimigo poderoso e invisível.

A “ideologia de gênero”, uma das bases do dito marxismo cultural, foi alvo de ataques do *bolsolavismo*, em que a mobilização do “kit gay” teve suma importância, e permitiu que projetos como o Escola Sem Partido tivessem ressonância popular. Encabeçado pelo advogado Miguel Nagib, o movimento inspirou projetos de lei em câmaras municipais e assembleias legislativas e se colocava contra uma suposta doutrinação política e ideológica que os professores promoviam na Educação Básica e Superior. Paulo Freire foi o nome de maior ataque no *bolsolavismo*, chamado de energúmeno por Jair Bolsonaro e considerado por Weintraub o “fracasso da educação esquerdista”, ameaçando a retirada de mural em homenagem ao educador que fica em frente ao MEC. Esses mesmos argumentos conspiratórios promoveram ataques e desmontes às instituições federais de ensino, como destacado pelo canal Meteoro em vídeo sobre as conspirações que o Brasil leva a sério (METEORO, 27 abr. 2019). No vídeo, os jornalistas destacam que os ataques do ex-ministro da Educação e do presidente às universidades são embasados justamente nas teorias de

conspiração a respeito de um plano comunista de dominação global. Essa ideia também é presente no pensamento olavista, com destaque para o ensino superior que teria sido dominado por esquerdistas nos anos 70 e 80, como resposta à ausência da esquerda na política no período ditatorial. Segundo Olavo, é preciso “cortar a cabecinha” desses “professorezinhos” e mostrar como eles são vigaristas e incapazes. São essas ideias que justificam corte de verbas e menos repasse de recursos federais aos cursos da área de Humanas e Sociais em oposição aos repasses para os cursos de exatas.

A ideia de “climatismo” endossou o desmonte de políticas de combate ao desmatamento e de ações do governo contra os incêndios na Amazônia. Enquanto rejeitava o Fundo Amazônia, com cerca de 3 bilhões de reais parados, o presidente concedeu aval informal a grandes fazendeiros, madeireiros e garimpeiros ilegais. Em 2018, a Amazônia atingiu o marco de 700 mil km<sup>2</sup> perdidos para o desmatamento e segundo Bolsonaro a culpa das queimadas na floresta é de indígenas e caboclos (DANTAS, 26 nov. 2020). O presidente acusa países estrangeiros que protestam contra a política ambiental brasileira de ferirem a soberania nacional, tudo isso dito em discurso para a ONU em setembro de 2020 (CALGARO; GOMES; MAZUI, 22 set. 2019). Os ataques à vacinação com base em ideias conspiratórias também mobilizaram ações do governo no não-combate à pandemia de covid-19. A promoção da desconfiança na população, a postergação na compra de vacinas e fechamento de contratos com farmacêuticas enquanto que há investimento e estímulo a tratamentos sem eficácia, trouxe o Brasil aos números absurdos de casos confirmados e mortes por coronavírus. Longe de ser apenas motivo de riso e escárnio, as teorias de conspiração são levadas bem a sério pelo governo e por seus apoiadores, orientando projetos e repasses de recursos, afetando diretamente no cotidiano dos brasileiros e nas gerações futuras, que serão afetadas com o (des)projeto *bolsolavista*.

### **Considerações finais**

Como discutido ao longo do texto, a conspiração é a base do sistema de crenças de Olavo de Carvalho, o guru das novas direitas e o ideólogo que abriu caminhos para que Jair Bolsonaro chegasse ao poder. Ambos são bastante presentes nas mídias digitais e conseguiram construir uma base aliada forte por meio de seus conteúdos e atividades nas redes sociais. A arquitetura do ciberespaço, que estimula a radicalização, foi dominada e muito bem mobilizada pelas novas direitas, promovendo a circulação de teorias conspiratórias, ideias irracionais e princípios de realidade alternativos. O absurdo passou a ser naturalizado em meio à enxurrada

de informações presentes das redes, a mobilização política ficou entorpecida devido a sua característica de enxame digital e a temporalidade da crise, característica do neoliberalismo, foi capturada pelas lideranças das *alt-rights*. Esse cenário é analisado por Araújo e Pereira (2018) e definido como “atualismo”, em que o caos aparece como uma cortina de fumaça para impedir que o passado seja trazido à reflexão. Seus motes são a negação, o ressentimento e a nostalgia.

Alterar a forma como as plataformas digitais afetam e mobilizam a subjetividade dos sujeitos atualistas é uma missão difícil, mas há caminhos possíveis e que estão em discussões constantes. No cenário brasileiro, uma tentativa de regulamentar a atuação nas redes é o chamado PL das *Fake News*, apresentado pelo senador Alessandro Vieira (CIDADANIA/SE), em maio de 2020, com o objetivo de estabelecer "normas, diretrizes e mecanismos de transparência para provedores de redes sociais e de serviços de mensageria privada a fim de garantir segurança e ampla liberdade de expressão, comunicação e manifestação do pensamento". Na Europa, o destaque fica com a *NetzDG*, a Lei Alemã para a Melhoria da Aplicação da Lei nas Redes Sociais, que tem como objetivo a obrigatoriedade da retirada de conteúdos pelas plataformas. Segundo o projeto, devem ser criados sistemas de gerenciamento de denúncias e queixas quanto a publicações com conteúdo ilícito ou ofensivo. Também há prazos para que as plataformas decidam sobre a remoção do conteúdo e multas no caso de violações dos termos da Lei. Esse debate é visto como delicado por envolver os limites da liberdade de expressão, mas cabe destacar que na doutrina jurídica considera-se que o discurso de ódio não se enquadra nesse direito, sendo considerado um abuso da liberdade de expressão, o que permite o seu controle. Apesar disso, a remoção desse tipo de conteúdo *online* ainda é criticada por extremistas, que afirmam terem sido tolhidos de sua liberdade de expressão.

Na tentativa de conter o espriamento de desinformações e *fake News* a respeito da pandemia de covid-19, plataformas como o *YouTube* e o *Twitter* adotaram medidas de suspensão de conteúdos que violam as suas diretrizes, como no caso do vídeo de Olavo de Carvalho que defende a não existência da pandemia e do coronavírus. Uma publicação de Jair Bolsonaro foi ocultada pelo *Twitter* e marcada com um aviso por conter informações enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à covid-19 (BOLSONARO, 15 jan. 2021). No *post*, Bolsonaro defende o tratamento precoce via compartilhamento de um vídeo do jornalista Alexandre Garcia. As medidas de restrição de conteúdos nocivos e desinformações são de importância ímpar no sentido de garantir as potencialidades das plataformas digitais ao agir político democrático e ao debate público horizontal. Para isso, é preciso que haja ação coletiva e participação popular nos projetos de regulação de plataformas,

para evitar que se caia no simplismo de atender às demandas do neoliberalismo e de autoritarismo, tendo em vista a realidade latino-americana de perseguição a ativistas de direitos humanos e a movimentos sociais que podem ser diretamente afetados em projetos irresponsáveis sobre a regulação das redes.

Por outro lado, destaca-se a dificuldade de combater teorias da conspiração, principalmente quando elas já estão estabelecidas em grupos, como no movimento antivacina. Novamente as redes sociais podem ser uma ferramenta poderosa para que os debates científicos consigam contornar a desinformação e a hesitação em relação às vacinas, por meio de discursos positivos sobre a importância dos imunizantes na proteção de sociedades inteiras. A atuação de cientistas brasileiros, como Átila Iamarino, merece destaque, tendo em vista os ataques e perseguições que o doutor em virologia tem sofrido por apoiadores do presidente Bolsonaro apenas por informar corretamente e fornecer dados sobre a disseminação do vírus no Brasil. Perfis como “Qual Máscara?” e “Estoque PFF” têm utilizado as redes sociais, principalmente o *Twitter* e o *Instagram*, para informar às (aos) brasileiras (os) sobre o uso correto de máscaras e auxiliam na divulgação de *sites* para compras de respiradores descartáveis.

Finalmente, como combater as teorias conspiratórias e brechar narrativas autoritárias produzidas a partir delas? Essa é uma pergunta sem uma resposta fácil e envolve a crise de práxis da esquerda já apontada no começo do texto. Primeiro, pode-se destacar que a noção de que tudo está perdido é promovida pelo capitalismo, por meio do realismo capitalista, que induz à noção de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. De fato, em cenários de crise como o de hoje fica mais difícil elaborar futuros e é essa lacuna que as esquerdas precisam preencher caso queiram combater autoritarismos. Fisher (2020) aponta caminhos, pensando principalmente o anti-individualismo e destacando a necessidade pungente de construir coletivamente, em comum, um novo sujeito político. Mobilizar a solidariedade como afeto é um dos caminhos possíveis para enfrentar cenários catastróficos, como a pandemia e a crise climática. Outro ponto é retomar a cultura como terreno de luta, evitando essencialismos e descréditos de que é um campo de domínio do capital, respondendo, assim, ao grande pesadelo do “gramscismo” de Olavo de Carvalho. Como já dizia Fisher (2020, p. 207): “a vitória da direita só é inevitável se nós pensarmos que é”.

---

**CONSPIRACY AS A POLITICAL PILLAR OF THE NEW RIGHTS: REFLECTIONS ON BOLSOLAVISMO**

**Abstract:** The presence of conspiracy theories in Olavo de Carvalho's thought, considered the guru of the new Brazilian rights, is cause for curiosity and jokes. The mobilization of irrationalities and the production of powerful and invisible enemies permeate the thought of the self-entitled philosopher, a direct ancestor of Bolsonarism. Carvalho has a clear influence on the government of Jair Bolsonaro, appointing ministries and having students from his online courses in important positions in Legislative and Executive branches. Therefore, the intention of this article is to analyze and reflect on some of the main exponents of *bolsolavismo*: cultural Marxism and globalism. These ideas permeate the federal government, both in the statements of the president and parliamentarians of its allied base, as well as in the construction of political projects and transferring of public funds to certain areas. Additionally, in the scenario of the covid-19 pandemic, the conspiracy also has a clear influence, mainly on the idea of early treatment and the anti-vaccine movement, both stimulated by the president. This article hopes to contribute to the elaboration of hypotheses so that the current scenario of political and health crisis is better analyzed.

**Keywords:** Conspiracy. Olavo de Carvalho. Jair Bolsonaro. Cultural Marxism. Globalism. Pandemic.

---

**LA CONSPIRACIÓN COMO PILAR POLÍTICO DE LAS NUEVAS DERECHAS: REFLEXIONES SOBRE LO BOLSOLAVISMO**

**Resumen:** La presencia de teorías de la conspiración en el pensamiento de Olavo de Carvalho, considerado el gurú de las nuevas derechas brasileñas, es motivo de curiosidad y de desdén. La movilización de irrationalidades y la producción de enemigos poderosos e invisibles impregnan el pensamiento del autodenominado filósofo, antepasado directo del bolsonarismo. Carvalho tiene una clara influencia en el gobierno de Jair Bolsonaro, nombrando ministros y haciendo que estudiantes de sus cursos ocupen cargos importantes en el Legislativo y en el Ejecutivo. Por tanto, la intención de este artículo es analizar y reflexionar sobre algunas de las principales corrientes del pensamiento *bolsolavista*, a saber: el marxismo cultural y el globalismo. Estas ideas impregnan al Gobierno Federal, tanto en declaraciones del Presidente de la República y miembros de su base aliada, como en la construcción de proyectos políticos y en la transferencia de fondos públicos hacia determinadas áreas. Además, en el escenario de la pandemia del Covid-19, la conspiración también tiene una clara influencia, principalmente en la idea de tratamiento temprano y el movimiento antivacunas, ambos estimulados por el Presidente Bolsonaro. Se espera que este texto contribuya a aportar hipótesis para un mejor análisis del actual escenario de crisis política y sanitaria.

**Palabras-clave:** Conspiración. Olavo de Carvalho. Jair Bolsonaro. Marxismo cultural. Globalismo. Pandemia.

---

**Referências**

AMORIM, Diego. **Flávio Bolsonaro fala em "vírus chinês" e insiste na defesa da cloroquina.** O Antagonista, 24 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.oantagonista.com/brasil/flavio-bolsonaro-fala-em-virus-chines-e-insiste-na-defesa-da-cloroquina/>>. Acesso em 30 de março de 2021.

ARAÚJO, Ernesto. **Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, na Heritage Foundation.** Fundação Alexandre de Gusmão. Disponível em: <[http://funag.gov.br/images/Nova\\_politica\\_externa/HeritageFoundation\\_port.pdf](http://funag.gov.br/images/Nova_politica_externa/HeritageFoundation_port.pdf)>. Acesso em 30 de março de 2021.

ARAÚJO, Valde; MARQUES, Mayra; PEREIRA, Mateus. **Almanaque da COVID-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real.** Vitória: Editora Milfontes, 2020.

BAUER, Caroline Silveira. **Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro**. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

BENTIVOGLIO, Julio e BRITO, Thiago Vieira de. **Bolsonaro e a crise da Nova República: a política como conspiração**. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitoria: Editora Milfontes, 2020.

BERMAN, Jonathan. **Anti-vaxxers: how to challenge a misinformed movement**. Cambridge: MIT Press, 2020.

BIERNATH, André. **'Kit covid é kit ilusão': os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento**. BBC News Brasil, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>. Acesso em 30 de março de 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. **"Foro de São Paulo, criado em 1990, tendo a frente o PT, as FARC e partidos de esquerda da América Latina e Caribe, tem como objetivo a tomada de poder em todos os países da região. Com dinheiro do Brasil, via BNDES, muitas ditaduras foram abastecidas para ampliar seu domínio"**. Twitter, 21 de out. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1186330140973948929>>. Acesso em 30 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **"A vacina chinesa de João Doria: para o meu governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser comprovada cientificamente pelo ministério da saúde e certificada pela Anvisa; o povo brasileiro não será cobaia de ninguém"**. Twitter, 15 de jan. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em 30 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **"Estudos clínicos demonstram que o tratamento precoce da Covid, com antimaláricos, podem reduzir a progressão da doença, prevenir a hospitalização e estão associados à redução da mortalidade"**. Twitter, 15 de jan. 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1350149912009334784>>. Acesso em 30 de março de 2021.

BORGES, André; PORTO, Gustavo. **Hang pede que empresários deem dinheiro a Olavo de Carvalho para 'continuar lutando pelo Brasil'**. O Estado de S. Paulo, 07 de jun. de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,hang-pede-que-empresarios-deem-dinheiro-a-olavo-de-carvalho-para-continuar-lutando-pelo-brasil,70003327593>. Acesso em 23 de maio de 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei do Senado Federal nº 2.630/2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Disponível em: <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1909983&file\\_name=PL+2630/2020](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1909983&file_name=PL+2630/2020)>. Acesso em 22 de março de 2021.

CALGARO, Fernanda; GOMES, Pedro Henrique; MAZUI, Guilherme. **Bolsonaro diz na ONU que Brasil é 'vítima' de 'brutal campanha de desinformação' sobre Amazônia e Pantanal**. G1, 22 set. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/22/em->

video-gravado-bolsonaro-faz-discurso-na-abertura-da-assembleia-da-onu.ghtml>. Acesso em 30 de março de 2021.

CAMBRICOLI, Fabiana. **Após uso de kit covid, pacientes vão para fila de transplante de fígado; pelo menos 3 morrem.** O Estado de S. Paulo, 23 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-uso-de-kit-covid-pacientes-vaio-para-fila-de-transplante-ao-menos-3-morrem,70003656961>>. Acesso em 25 de março de 2021.

CARVALHO, Olavo de. **Adendo à aula 521 06 06 2020.** YouTube, 7 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nXNholwo7go>. Acesso em 23 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **“Ainda estou do lado do Bolsonaro. Lutarei por ele com todas as minhas armas. Mas ele que não espere mais de mim palavras doces que só podem ajudá-lo a errar”.** Facebook, 07 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10158292187657192>. Acesso em 23 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Por que a direita só se funhanha.** YouTube, 20 dez. 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=3WN1Lq6uBB8>>. Acesso em 27 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **Olavo de Carvalho: O que estou fazendo aqui.** Brasil Sem Medo, 24 mar. 2021. Disponível em: <<https://brasilsemmedo.com/olavo-de-carvalho-o-que-estou-fazendo-aqui/>>. Acesso em 30 de março de 2021.

CESARINO, Letícia. **O fetichismo do QAnon.** Jacobin Brasil, 2021. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/11/o-fetichismo-do-qanon/>>. Acesso em 28 de março de 2021.

CORBELLINI, Juliano e MOURA, Maurício. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu.** Rio de Janeiro: Record, 2019.

COUTO, Marlen. **Sleeping Giants Brasil notifica fundo canadense com participação no PagSeguro e pede suspensão de pagamentos a Olavo de Carvalho.** O Globo, 09 de out. de 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/sleeping-giants-brasil-notifica-fundo-canadense-com-participacao-no-pagseguro-e-pede-suspensao-de-pagamentos-olavo-de-carvalho.html>. Acesso em 23 de maio de 2021.

DANTAS, Gabriel. **Bolsonaro mente ao dizer que luta pela soberania nacional na Amazônia.** Le Monde Diplomatique Brasil, 26 nov. 2020. Disponível em:<<https://diplomatique.org.br/bolsonaro-mente-ao-dizer-que-luta-pela-soberania-nacional-na-amazonia/>>. Acesso em 30 de março de 2021.

DATAFOLHA. **Disposição para se vacinar contra Covid-19 cai de 89% para 73%.** Uol, 14 dez. 2020. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989184-disposicao-para-se-vacinar-contracovid-19-cai-de-89-para-73-entre-brasileiros.shtml>>. Acesso em 30 de março de 2021.

ÉPOCA. **Na pandemia, cresce informação digital na América Latina.** Época Negócios, 7 de fev. 2021. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2021/02/na-pandemia-cresce-informacao-digital-na-america-latina.html>>. Acesso em 29 de março de 2021.

FERRAZ, Adriana. **Em vídeo, Olavo de Carvalho critica Bolsonaro e diz que pode 'derrubar governo'.** O Estado de S. Paulo, 07 de jun. de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-video-olavo-de-carvalho-critica-bolsonaro-e-diz-que-pode-derrubar-governo,70003327417>. Acesso em 23 de maio de 2021.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GRANDELLE, Renato; FERREIRA, Paula. **Atacadas por Bolsonaro, Ciências Humanas e Sociais já recebem menos recurso para bolsas do que área de Exatas.** O Globo, 27 abr. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/atacadas-por-bolsonaro-ciencias-humanas-sociais-ja-recebem-menos-recurso-para-bolsas-do-que-area-de-exatas-23626458>>. Acesso em 31 de março de 2021.

GULLINO, Daniel. **'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', comemora presidente sobre decisão da Anvisa de suspender testes da vacina CoronaVac.** O Globo, 10 nov. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-comemora-presidente-sobre-decisao-da-anvisa-de-suspender-testes-da-vacina-coronavac-24738058>>. Acesso em 31 de março de 2021.

HUSSNE, Arthur. **Olavismo e Bolsonarismo.** Revista Rosa, 1ª série do número 1. Disponível em: <<https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo>>. Acesso em 29 de março de 2021.

ISTOÉ. **Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema seu'.** Terra Notícias, 18 dez. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>> Acesso em 30 de março de 2021.

JÚNIOR, João Feres; GAGLIARDI, Juliana. O sucesso eleitoral da Nova Direita no Brasil e a mudança do paradigma comunicativo da política. In: Leonardo Avritzer; Heloisa Murgel Starling; Pauliane Braga; Priscila Zanandrez. (Org.). **Pensando a Democracia, a República e o Estado de direito no Brasil.** 1 ed. Belo Horizonte: Projeto República, 2019, v. 1, p. 89-118.

METEORO. **QUEM É OLAVO DE CARVALHO? #meteoro.doc.** YouTube, 30 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mz9f3fLks9s>>. Acesso em 27 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **MARXISMO CULTURAL: ASSOCIAÇÕES PERIGOSAS #meteoro.doc.** YouTube, 5 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nETQtwy20oQ>>. Acesso em 27 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **CONSPIRAÇÕES QUE O BRASIL LEVA A SÉRIO #meteoro.doc**. YouTube, 27 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ynEVxrA5Fs>>. Acesso em 27 de março de 2021.

PODER360. **“Essa epidemia simplesmente não existe”, diz Olavo de Carvalho**. PODER360, 23 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/essa-epidemia-simplesmente-nao-existe-diz-olavo-de-carvalho/>>. Acesso em 30 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **Com aval de Bolsonaro, dono da Havan faz vaquinha para Olavo de Carvalho**. PODER360, 07 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/com-aval-de-bolsonaro-dono-da-havan-faz-vaquinha-para-olavo-de-carvalho/>. Acesso em 23 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Caetano Veloso vence novamente Olavo de Carvalho na Justiça**. PODER360, 11 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/caetano-veloso-vence-novamente-olavo-de-carvalho-na-justica/>. Acesso em 23 de maio de 2021.

RIBEIRO, Renato Janine. **A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIBEIRO, M. H., OTONI, R., WEST, R., ALMEIDA, V. A. F, e MEIRA, W. **Auditing Radicalization Pathways on Youtube**. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/1908.08313.pdf>>. Acesso em 18 de março de 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio**. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

SECCO, Lincoln. **Gramscismo: uma ideologia da extrema-direita**. Blog da Boitempo, 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/v>>. Acesso em 28 de março de 2021.

SILVA, Daniel Pinha. **A longa noite de 64: Bolsonaro e a experiências democrática vista do parlamento**. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

UOL. **Bolsonaro diz que pandemia 'pode ser fabricada' e desdenha de impeachment**. UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/27/sem-provas-bolsonaro-questiona-pandemia-e-minimiza-pedidos-de-impeachment.htm>>. Acesso em 30 de março de 2021.

VALFRÉ, Vinícius. **Olavo de Carvalho já perdeu 250 financiadores desde a eleição de Bolsonaro**. O Estado de S. Paulo, 09 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,olavo-de-carvalho-ja-perdeu-250-financiadores-desde-a-eleicao-de-bolsonaro,70003507282>>. Acesso em 23 de maio de 2021.

VECCHI, Roberto. **As cinzas de Gramsci no deserto de Bolsonaro**. In: KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. **Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

YAHOO. **Sem provas, Bolsonaro diz que Covid-19 pode ser vírus da 'guerra nuclear bacteriológica' que escapou de laboratório.** Yahoo Notícias, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/sem-provas-bolsonaro-diz-que-covid-19-pode-ser-virus-da-guerra-nuclear-bacteriologica-que-escapou-de-laboratorio-124059297.html?>>>. Acesso em 30 de março de 2021.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power.** Reino Unido: PublicAffairs, 2019.

---

#### SOBRE A AUTORA

**Beatriz Castro Miranda** é mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

---

Recebido em 31/03/2021

Aceito em 07/06/2021